



Gigantes da Serra dos Órgãos

Esq. para direita: Pedra do Sino, Garrafão, Cara de Cão, Agulha do Diabo, São João. Foto de Minchetti tirada da base do Nariz da Freira, 1966.

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

ANO 65 - NÚMERO 582 - AGOSTO de 2004

CERJ
Boletim

IMPRESSO

Passagem dos Olhos

Mais uma excursão do CERJ nesta via clássica



GIGANTES DA SERRA DOS ÓRGÃOS

Esq. para direita: Gunther Buchheister (conquistador da Agulha do Diabo), Sobral Pinto, Alice Maryan, Salomyth, Sylvio Silva, Minchetti. (Foto cedida por Sobral)



EXPEDIENTE 2004

Presidente:

Waldecy Mathias Lucena

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Manuela Dantas

2 - Vanina Zini Antunes

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Fernando Fajard

Diretora Social

Miriam Gerber

Auxiliar Dr. Social

Salomyth Smith

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio

Diretor de Divulgação

Guido Ferraz

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

ASSEMBLÉIA GERAL

Presidente

Jose Carlos Muniz Moreira

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Silvia Noronha

Ronaldo Paes

Nino Bott de Aquino

Boletim Informativo do CERJ:
Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que mencionada a fonte



Finalmente a primeira leva do nosso novo arquivo fotográfico do CERJ ficou pronto. Nesse primeiro lote temos uma foto da sessão inaugural do clube, na qual aparecem seus fundadores, e também da primeira excursão do CERJ (Pedra da Gávea, em 1939). Fotos originais recuperadas e por mim digitalizadas. O que ficará exposto na sede do clube serão cópias digitais ampliadas.

De grande valia tem sido o Sobral para esse meu trabalho. Renato José Sobral Pinto freqüentou vários clubes desde os anos 50 e tinha como hábito fotografar os eventos sociais dos clubes, as escaladas e acampamentos. Portanto, pertence a ele um dos maiores registros fotográficos do montanhismo fluminense. Lentamente estou digitalizando seus álbuns para serem incorporados ao acervo do CERJ. O que podemos ver é um registro de uma era de ouro do nosso clube, suas festas, a antiga sede, as excursões, as bagunças dentro dos ônibus e trens, acampamentos, os "brotinhos", tudo está lá, registrado pelo nosso fotógrafo documentarista.

Já tenho 160 fotos digitalizadas do acervo do Sobral. Em breve estarão também à disposição de todos. Os poucos da velha guarda que viram o trabalho se emocionaram. O legal que este acervo será incorporado com a biblioteca do Valdo, cuja marcenaria está na fase final. Estamos chegando lá.

Desse triste fato ocorrido neste mês de julho - em que dois paulistas foram assaltados em plena Urca, sendo seus assaltantes capturados de uma forma espetacular -, poucos repararam, mas vale falar sobre o importante papel da Federação: Divulgação do assalto para todos da comunidade de montanha, alerta para que ninguém compre material de desconhecidos e incentivo a denúncias de quem estiver vendendo equipamentos de procedência duvidosa. Se não fosse a Federação, o casal teria ido embora para São Paulo sem que ninguém falasse nada a resperito. Todos ganham.

Waldecy Mathias Lucena

Presidente CERJ



ALA INTERNACIONAL DO CERJ

Caros *cerjenses*, quem escreve é a Letícia, a espanhola mais carioca do mundo. Nem sei se muitos de vocês lembram de mim, mas alguns com certeza, pois me deram os parabéns no dia 17 passado, já que era meu aniversário. Estou escrevendo para lhes mostrar minha gratidão, pois foi o CERJ e vocês que me ensinaram o amor pelas montanhas, já que nunca havia feito montanhismo antes. Eu era bem mais amante das praias e baladas, mas fui parar no clube porque a Cristiane Várzea me levou, não sei se ela ainda está sumida ou se voltou a escalar com o Brasil e Nino, minhas lembranças a ela. Daí, comecei a caminhar mas só para conhecer e finalmente me apaixonei, fazendo logo em seguida o CBM, para desespero da Jana e Arnaldo, que tiveram que aguentar meus lamentos no Babilônia, ainda lembro dos bons conselhos dos dois, beijão para vocês também. De volta à Espanha e agora no Chile, onde moro há quatro meses, continuei fazendo trilhas, sempre com a camiseta do CERJ. Os espanhóis e os chilenos sempre se surpreendem do feito que uma espanhola ter começado a fazer montanha no Brasil, pois muitos nem sabem que existem montanhas no Brasil. No domingo passado, fiz o cume de um cerro chamado Provincia, de 2.750m de altitude e 1.750m de desnível. Levamos seis horas na subida e quatro na descida. O início é pura *roca* e sobe-se como se fosse uma escada, alguns lances de primeiro grau em uns paredões de pedra, porém, fica mais fácil depois desses obstáculos. No final encontramos neve, além do mais ventava muito. Éramos três pessoas. Os clubes aqui se chamam ramas, mas nós três somos apenas um palito! Eu insistia em falar de pico, mas após risadas de todos, compreendi que alguma coisa estava errada. No Chile, pico significa outra coisa, mais parecida com pirulito! Mesmo assim, eles não entendiam minha piada quando falava que só o cume interessa. Eles pensavam que eu só queria mais uma montanha, não entendiam o que o "cume" significa para uma mulher viajada.



No cume havia uma cruz e me disseram que é uma homenagem a um montanhista falecido, tendo seu espírito ainda pelas redondezas. Uff!!! Ficou bem gelado nessa hora, mas era o meu medo e não o clima. Ainda houve tempo para vermos três condores, como é emocionante subir montanhas.

Na descida não tinha o Laguna nem o provolone à milanesa, nem o chopinho no último grampo, terei de instalar esses bons costumes por aqui. Já achei minha missão no Chile, fazer do palito uma rama e levar aos chilenos os bons hábitos dos *cerjenses*: piadas, piadas, cerveja, muita cerveja. Parabéns pelo clube e pelas boas coisas que vocês têm, aproveitem!! Se vierem para o Chile, não esqueçam de me contatar!

Letícia Celador

Data	Atividade	Tipo	Responsável
07 de Agosto	Festa a Fantasia	Social	Diretoria Social
08 de Agosto	Paredão Reinaldo Bencken	Escalada 3°	Jana
14 de Agosto	Dedo de Deus	Escalada 3° III Sup	Zé
14 e 15 de Agosto	Pedra Selada	Caminhada Leve-Superior com Escalada em A0	Puppim
21 de Agosto	Escalavrado	Caminhada Semi-Pesada com Escalada de 1°	Zé
28 e 29 de Agosto	Agulha do Diabo	Escalada 3° III Sup	Júlio
12 de Setembro	Morro do Cocanha	Caminhada Leve	Muniz
19 de Setembro	Morro do Queimado	Caminhada Leve	Muniz
26 de Setembro	Pico do Papagaio	Caminhada Leve	Muniz

Aniversariantes

Agosto

- 02 ANDREA DE MATOS REI**
- 03 JORGE ANDRE PEREIRA DE FRIAS**
- 05 SERGIO DE SOUZA BAHIA**
- 06 JUSTO HELIO MONTEIRO**
- 11 MARCELO PEREIRA HADDAD**
- 15 PAULO OSWALDO BOAVENTURA NETTO**
- 16 DÉBORA SILVA DENIZOT**
- 26 REINALDO BEHNKEN**
- 30 WALKER MENDES DE SA**

Numa excursão do Carioca ao Cabeça de Peixe, nosso celebre filósofo Constantino manda:
 - Eu não gosto de comer, gosto é de tomar! Constant, esperamos que seja líquido. O que o pessoal do Carioca deve estar pensando de nós?

O Taíno que na verdade se chama Severino, está de apelido novo: Bill.

Wal e Elias "Abutre" Bhodão filosofando sobre a vida:
 - Nós somos muito feios, muito pobres, não escalamos nada e nunca pegamos ninguém! A gente só dá risada....

O Velho comentou no último grampo (na Urca): "I am the king of aderência". Então estamos esperando a volta dele para provar isso tim-tim por tim-tim.

Natal na casa do sócio, agora benemérito, Claudio Leuzinger. Sua casa localizava-se na Lagoa, onde hoje é a entrada do Túnel Rebouças. Reparem que para entrar na casa tinha que "escalar" uma escada. Que loucura!! Na outra foto, o detalhe da galera esperando a sua vez para escalar. Nesta noite a cerveja rolou até as 4 da manhã. Oh Claudio, como é que você explica esta bagunça, hein?!?!?



Exposição Fotográfica

Para os meses de agosto e setembro de 2004, o nosso sócio-fotógrafo "Sobral Pinto" preparou o seguinte tema com fotos em preto e branco: "Agulha do Diabo", localizada no PNSO (Teresópolis, RJ) com seus 2.050m de altitude. A escalada dessa montanha possui vários lances impressionantes como: a "passagem horizontal" (cavalinho), "chaminé da unha" e o da "crista" (lance final).

Agulha dos Italianos

Nos dias 26 e 27 junho uma excursão conjunta entre o CEG e o CEB lideradas pelo Mário Senna e Berardi logrou atingir o cume da Agulha dos Italianos. Essa Agulha, localizada no PN Serra dos Órgãos foi conquistada em novembro de 2002 por Waldecy Lucena, Ricardo de Moraes e Mário Senna. Trata-se então da primeira repetição dessa conquista do CERJ.

CBM

No dia 24 de julho foi realizado o churrasco do CBM na Floresta da Tijuca. Apesar da chuva e frio, a galera compareceu em massa ao evento. O nosso parabéns para o casal André Levy e Claudia, recém saídos do último CBM e que realizaram o churrasco.

Agradecimento

Nosso agradecimento ao Carlos Bernardo, vulgo "El Bigodon", pela ótima palestra sobre vulcões brasileiros.

Aquisição

O Departamento Técnico comprou 60 grampos de 1/2, uma talhadeira do Chiquinho e também brocas de 12 e 13 mm.

Buenos Aires 41/ 2º andar tel: 2223-1573

Attack 60 litros

- Adaptada para cantil flexível
- Bolso frontal expansível
- cinto e costas revestidos com tecido aerospacer
- costas estruturadas com placa de hdpe e EVA
- acesso ao compartimento principal também por zíper longitudinal
- fitas para compressão e transporte de material

Cordura Plus 500

MONTANHISTA ORIENTADO Nº 4

Nesta edição serão tratadas as diferenças entre os três tipos de Nortes e Azimutes existentes e alguns conceitos importantes neste contexto. Lembrando que estas definições são um pouco mais complexas, sendo simplificadas para o fácil entendimento do leitor.



Norte Verdadeiro (NV) ou Geográfico (NG): É a direção da posição do observador que aponta para o Pólo Norte geográfico da Terra (eixo da Terra). Os meridianos do sistema de coordenadas Geográficas apontam para o Norte verdadeiro.

Norte Magnético (NM): É a direção que aponta para o Pólo Norte magnético da Terra. Este pode ser considerado próximo ao Norte indicado pela agulha da bússola e não coincide com o Pólo Norte geográfico do planeta.

Norte de Quadrícula (NQ): Este tem a direção paralela ao fuso central do sistema UTM. Ou seja, paralelo ao quadriculado UTM encontrado nas cartas e mapas.

Declinação magnética (): É a diferença entre o Norte Verdadeiro e o Norte Magnético, associado a um ponto.

Convergência Meridiana (γ): É a diferença entre o Norte Verdadeiro e o Norte de Quadrícula, também associado a um ponto.

Importante: Quando trabalhar com carta (mapa) e bússola, faz-se necessário aplicar a correção entre Norte Magnético e Norte de Quadrícula, pois os valores lidos na carta ou GPS estão referidos ao Norte Verdadeiro ou Norte de Quadrícula, enquanto na bússola são Magnéticos. Para simplificar a correção, no Rio, usa-se o valor de 20° para esta correção.

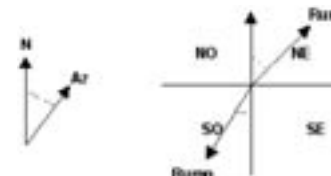
Azimute: É o ângulo formado entre a direção Norte e a direção considerada, contada no sentido horário. O azimute varia de 0° à 360° e depende do Norte ao qual esteja referenciado. Podendo ser:

- Azimute Verdadeiro ou Azimute Geográfico;
- Azimute Magnético;
- Azimute de Quadrícula.

Contra-azimute: É o Azimute da direção inversa. Ou seja, o azimute +- 180°.

Rumo: É o menor ângulo que uma direção faz com a direção Norte-Sul. Este varia de 0° à 90° e deve ser indicado o quadrante geográfico a que pertence: NO, NE, SO ou SE.

Cuidado: Às vezes o conceito de rumo é confundido com o conceito de azimute, onde a palavra rumo é usada como sinônimo para azimute e isto não é verdade.



Importante: Lembrar que os Azimutes e Rumos também variam de acordo com o Norte a que são associados, podendo ser: Verdadeiros (Geográficos), Magnéticos ou de Quadrícula.

Elias Ribeiro de Arruda Junior

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA

Ao ver o filme, impossível não compará-lo à minha viagem de 1991, tamanha a semelhança. Necessário voltar ao tempo, e muito. Através de álbuns de fotografias “emboralados” e anotações desconexas, tento rever em minha mente o que foi aquela viagem. Nosso objetivo: Ushuaia, cidade argentina mais austral do planeta. Partimos então no dia 18 de janeiro de 1991, na minha Toyota, eu e Anibal (CEC) e numa outra o Renato Souto e a Paula (CEG), além de um casal de amigos dele. Nesta época não existiam GPS, mapas acessíveis, Internet, etc., somente a vontade de conhecer o desconhecido. Descemos rapidamente até o Rio Grande do Sul, de onde conhecemos o Parque Nacional Lagoa do Peixe e através do Chuí entramos no Uruguai, para depois entrar na Argentina. Descendo sempre pela litorânea Ruta 3, conhecemos a Península Valdez, santuário da vida marinha patagônica e Comodoro Rivadavia, última base de apoio dos aviões que se dirigiam para o conflito das Malvinas em 1982. Aprendi que a Guerra das Malvinas ainda estava recente para os argentinos. Em Rio Gallegos, vi pela televisão de um restaurante o ministro da economia, Cavallo, anunciar o plano Austral. Saindo de Gallegos, portanto, a 400 quilômetros de Ushuaia, a Toyota do Renato quebra e tem que retornar ao Brasil de caminhão e eles de avião. Ficamos apenas eu e Anibal.

Enfim Ushuaia. Fomos recebidos pelo maluco da pousada com um fantástico churrasco de carneiro e vinho no meio da rua. O filho dele foi adotado por nós durante nossa estada no Ushuaia. Do Ushuaia fomos ao P. N. Torres Del Paine, onde fizemos o grande circuito de sete dias, com direito a neve e tudo. Conhecemos Roger, um peruano estudante de direito em Lima, que acabara de fazer o cume do Aconcágua e resolveu conhecer o Paine. Fizemos uma grande amizade, depois subimos pela interiorana Ruta 40 com dois gaúchos, pai e filho que havíamos conhecido no Paine. No meio das estepes patagônicas, o combustível da Toyota acaba, estávamos ferrados, mas eis que de madrugada, e do nada, uma família num carro aparece. O motorista disse que ia nos ajudar e horas depois retornou com 10 litros de diesel. Quando resolvi pagar o Diesel e o seu possível prejuízo, ele nos diz que na Patagônia não se paga pelos favores. Ficamos a noite toda em silêncio refletindo sobre aquilo. Fomos a um parque nacional abandonado na fronteira do Chile, onde pedimos abrigo em uma estância. Dormimos com os peões chilenos (chilenos pois a mão de obra é mais barata). Eles, ao nos verem falando, perguntaram se éramos russos. Nos disseram que atravessavam os Andes a cavalo. Montanhas de lenha eram armazenadas por eles para sobreviver ao rigoroso inverno patagônico. Chegamos a Bariloche, onde fizemos várias caminhadas com o CAB, Club Andino Bariloche, e enfim retornamos ao Rio no dia 17 de março, com 2 meses de viagem e 15 mil quilômetros rodados.

Para nós, cada dia era um aprendizado. Novos personagens, problemas a solucionar, emoções, alegrias e tristezas. Fiz outras viagens a Patagônia, totalizando seis, mas sem dúvida essa foi a que mais marcou a minha vida. Conhecemos a fundo o país vizinho, Argentina, através dos personagens mais inusitados. Percebemos que no fundo somos todos iguais.



Wal, Anibal e a velhíssima Toyota no fim da Ruta 3, na parte mais austral do mundo, Ushuaia

Waldery M. Lucena



REPARTINDO FORÇAS ENTRE ANCORAGENS

Repartir forças entre ancoragens significa tornar sua montagem mais segura, isto é, menos suscetível a falhas, além disso, de acordo com o tipo de montagem, mesmo com variação na direção da força aplicada a esse sistema, ele continua repartindo carga automaticamente entre os pontos de ancoragem. As ancoragens (multi-ponto) mais comuns que podemos confeccionar são de 2 pontos ou 3 pontos. O sistema de dois pontos de ancoragem pode ser visualizado na figura 1.

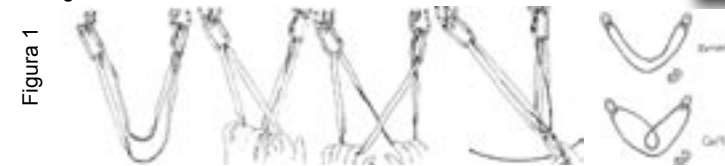


Figura 1

Repare que deve-se dar uma volta obrigatoriamente em um dos lados da fita para conectar o mosquetão “mãe”. Essa volta é vital, pois caso um lado (um dos pontos de ancoragem) falhe, o sistema não falhará como um todo, ficando preso no outro ponto.

Uma das soluções do sistema de três pontos é apresentada na figura 2. Repare que nesse caso você terá que dar uma volta em dois pontos da fita, tendo que o mosquetão “mãe” passar nas duas voltas e na parte de baixo da fita. Da mesma forma que no sistema de ancoragem de 2 pontos, mesmo 1 ponto falhando, o sistema continuará montado e equalizado nos outros 2 pontos restantes.

Figura 2

Uma coisa muito importante a ser observada em ambos os sistemas é o ângulo formado entre os pontos de ancoragem (figura 3), caso esse ângulo seja maior do que 120°, duas providências podem ser tomadas:

Figura 3

- Conseguir um anel de fita de maior tamanho para que o ângulo possa ser diminuído.
- Não fazer equalização, isto é, montar a ancoragem toda em um ponto e usar o outro apenas como *backup* desse ponto.

Evidentemente que devemos sempre tentar fazer nossas equalizações com ângulos próximos aos 20°, pois dessa forma estaremos obtendo o máximo aproveitamento da repartição de cargas. Existe uma outra forma de repartimos cargas, que é fazendo um nó na ponta do sistema de ancoragem (figura 4), tendo suas vantagens e desvantagens.

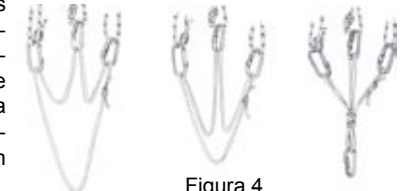


Figura 4

Vantagem: Se um dos pontos do sistema de ancoragem soltar, o sistema não sofrerá um forte desequilíbrio.

Desvantagem: Ele só equalizará o sistema em uma única direção, não sendo totalmente eficiente em direções diferentes a que foi inicialmente montado.

Fonte: Anclages de Escalada – John Long – Editora Desnível
Com Unhas e Dentes – Sérgio Beck – Edição do Autor

Julio César Mello

PASSAGEM DOS OLHOS

Domingo dia 25 de julho de 2004.

Como combinado previamente, por volta das 06:30h a Sílvia me pegou no Flamengo para irmos ao nosso ponto de encontro, 07:00h no Largo da Barra. Nesta manhã de inverno o tempo está meio incerto, mas temos até um arco-íris para apreciar com céu meio nublado mas de temperatura agradável. Depois de um ligeiro lanche na padaria do largo, reembarcamos nos carros e fomos para o condomínio onde começa uma das trilhas de acesso ao cume da Pedra da Gávea. Às 07:25h iniciamos mais uma caminhada para o pico da Pedra da Gávea, e desta vez num misto de escalada, pois faremos a Passagem dos Olhos, escalada cotada em 2º Ilup C e \pm 150m de comprimento, conquista do "CERJ" de 1960.

Subimos direto até a clareira denominada Praça da Bandeira, onde chegamos por volta das 08:35h e fizemos uma ligeira parada. Prosseguimos morro acima até a base da via, onde chegamos às 08:55h e tratamos logo de nos equipar e formar as cordadas previamente acertadas, a saber: na primeira irão o Júlio guiando a Manuela e o Taylor fechando, enquanto na outra que ficou desfalcada do André, que desistiu na véspera, a Sílvia me secundará. Às 09:20h o Júlio deu início à escalada, e logo que passou pelo segundo grampo eu também iniciei a minha subida. Este primeiro esticção é o único feito na vertical em livre e mede aproximadamente 40m. Como era de se esperar, a cordada de dois ultrapassou a de três e cheguei às 10:40h, a Sílvia a mim se juntou às 11:00h no olho direito do gigante, depois de uma longa horizontal bem protegida, mas nem por isso menos impressionante, principalmente para os debutantes na via, com aproximadamente 70m de extensão. Quando estabelecemos a parada no meio da horizontal o Júlio recebeu um telefonema do Carrô que nos observava junto com a Layla e o Muniz do cume da Pedra Bonita. Pouco depois da Sílvia chegou o Júlio e depois a intervalos regulares se juntaram a nós a Manu e o Taylor, que apesar de escalador experiente nunca havia feito a Passagem dos Olhos. Turma show, como diria o Rodrigo. Realmente tanto a Sílvia como a Manu estão de parabéns pois se comportaram muito bem durante todas as fases da escalada. Ficamos bastante tempo no Olho apreciando a linda paisagem avistada deste ângulo único, enquanto aproveitávamos para fazer um frugal lanche, jogar conversa fora e nos esquentar aos raios mornos de sol que nos banhava naquela hora.

Às 12:40h reiniciei a escalada, que daqui para a frente consiste numa artificial de \pm 40m em cabo de aço essencialmente horizontal, tendo somente uns 4m de seção vertical justamente no final da mesma. Finalizei a via às 13:00h e a seguir foram chegando os outros e o último terminou esta bela via por volta das 14:20h. Éta domingo glorioso, uma bela escalada em companhia de uma turma muito porrêta. Éh vida boa! Depois de aturar o Júlio fazendo a superarrumação do seu material, às 14:45h iniciamos a subida para a mesa do imperador, onde ficamos alguns minutos, já que a Manu nunca tinha subido a Pedra da Gávea. Debutou em grande estilo fazendo magistralmente a Passagem dos Olhos, boa menina!

Finalmente às 15:10h partimos trilha abaixo e descemos sem fazer paradas, chegando aos carros por volta das 16:35h, onde nos trocamos e mais uma vez partimos para o último grampo, pois ninguém é de ferro e depois de um domingo destes bem que merecemos alguns goles da redondinha, vocês não concordam?

Participaram desta excursão: Júlio, Manuela, Sílvia, Taylor (antigo sócio do CERJ) e eu.

José de Oliveira Barros

